



A relação entre família e escola: comparação entre os papéis educativos na pedagogia tradicional e na pedagogia ativa

The relationship between family and school: a comparison between educational roles in traditional pedagogy and active pedagogy

Aloisio José dos Reis¹ Rita de Cassia de Araújo²
Roseane Marçal de Lima Souza³

Submetido: 20/11/2025 Aprovado: 20/12/2025 Publicação: 31 /12 /2025

RESUMO

O presente artigo analisa a relação entre família e escola a partir de duas perspectivas pedagógicas distintas: a Pedagogia Tradicional e a Pedagogia Ativa. Inicialmente, discute-se a formação histórica da educação brasileira, marcada pelas influências da escolástica tomista e pela posterior ruptura promovida pelos ideais iluministas e pelo movimento da Escola Nova. Em seguida, examinam-se as concepções de ser humano e de aprendizagem na Pedagogia Tradicional, destacando o papel do educador como mediador do conhecimento e formador integral do estudante. São abordadas também as principais teorias de aprendizagem — behaviorista, cognitivista, humanista e construtivista — que dialogam, em maior ou menor grau, com diferentes práticas educativas contemporâneas. Posteriormente, apresenta-se a Pedagogia Ativa e suas metodologias centradas no aluno, enfatizando a autonomia, a resolução de problemas, o trabalho colaborativo e o uso intencional de recursos diversificados. Por fim, discute-se a relação entre família e escola nas duas abordagens, evidenciando que, enquanto a pedagogia tradicional privilegia um modelo mais hierárquico e disciplinar, a pedagogia ativa propõe uma parceria mais horizontal e participativa. Conclui-se que a articulação entre ambas as perspectivas pode favorecer práticas pedagógicas mais completas, capazes de integrar valores essenciais e metodologias inovadoras, fortalecendo a colaboração entre escola e família em prol do desenvolvimento integral do estudante.

Palavras-chave: Pedagogia Tradicional; Pedagogia Ativa; Família e Escola; Processos Educativos; Aprendizagem.

ABSTRACT

The present article analyzes the relationship between family and school from two distinct pedagogical perspectives: Traditional Pedagogy and Active Pedagogy. Initially, the historical formation of Brazilian education is discussed, marked by the influences of Thomistic scholasticism and the subsequent rupture promoted by Enlightenment ideals and the New School movement. Next, the conceptions of the human being and learning within Traditional Pedagogy are examined, highlighting the educator's role as a mediator of knowledge and a holistic developer of the student. The main learning theories—behaviorist, cognitivist, humanist, and constructivist—which dialogue, to a greater or lesser degree, with different contemporary educational practices, are also addressed. Subsequently, Active Pedagogy and its student-centered methodologies are presented, emphasizing autonomy, problem-solving, collaborative work, and the intentional use of diversified resources. Finally, the relationship between family and school is discussed within both approaches, demonstrating that while traditional pedagogy favors a more hierarchical and disciplinary model, active pedagogy proposes a more horizontal and participatory partnership. It is concluded that the articulation between both perspectives student's integral development can foster more complete pedagogical practices, capable of integrating essential values and innovative methodologies, strengthening the collaboration between school and family for the

Keywords: Traditional Pedagogy; Active Pedagogy; Family and School; Educational Processes; Learning.

¹ Doutorando em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University. reissind@hotmail.com

² Mestranda em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University. reissind@hotmail.com

³ Mestranda em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University. reissind@hotmail.com

1. Introdução

A educação, enquanto prática social e histórica revela-se como um campo em constante transformação, marcado por diferentes concepções filosóficas, pedagógicas e culturais que moldam tanto o papel da escola quanto o da família na formação humana. Desde suas raízes no pensamento escolástico de Tomás de Aquino, passando pelas mudanças impulsionadas pelo Iluminismo e pelos movimentos renovadores do início do século XX, as práticas educativas oscilaram entre tradições consolidadas e rupturas inovadoras. Nesse cenário, destacam-se duas grandes perspectivas pedagógicas: a Pedagogia Tradicional, fundamentada na essência, na transmissão de conhecimentos e na formação intelectual e moral; e a Pedagogia Ativa, orientada pela centralidade do estudante, pela aprendizagem significativa e pela autonomia.

Diante das transformações sociais, tecnológicas e culturais do século XXI, a relação entre família e escola também passa por ressignificações, exigindo diálogo, corresponsabilidade e reconhecimento das múltiplas configurações familiares contemporâneas. Assim, compreender como cada abordagem pedagógica compreende os papéis educativos e como essas concepções influenciam a interação entre a escola e a família torna-se essencial para analisar os desafios e possibilidades da educação atual.

O presente artigo tem como objetivo comparar os papéis educativos atribuídos à família e à escola tanto na Pedagogia Tradicional quanto na Pedagogia Ativa, destacando suas aproximações, divergências e implicações para o processo formativo. Para isso, recupera fundamentos teóricos da tradição escolástica, das teorias de aprendizagem e das metodologias ativas, relacionando-os às discussões contemporâneas sobre participação familiar. Busca-se, assim, oferecer uma análise crítica e contextualizada que contribua para a compreensão das dinâmicas educativas atuais e para a construção de práticas pedagógicas mais integradas, humanas e eficazes.

2. A relação entre família e escola: comparação entre os papéis educativos na pedagogia tradicional e na pedagogia ativa

As raízes da educação brasileira são baseadas na corrente de Tomás de Aquino, que é caracterizada como “[...] uma atividade que torna realidade aquilo que é potencial”. Assim, nada mais é do que a atualização das potencialidades da criança, processo que o próprio educando desenvolve com o auxílio do mestre. É este o movimento, de tornar realidade aquilo que é potencial no ser humano, que impulsionou a educação no país durante o seu

descobrimiento. É importante lembrar que a educação – segundo o pensamento de Tomás de Aquino – não é mais do que um meio para atingir o ideal da verdade e do bem (ARANHA *apud* BORGES, *et al*, 2012).

Posteriormente, no século XVIII, Portugal foi marcado pelo contraste entre o anseio por mudanças e o peso das tradições, e, entre a fé e a ciência. Houve a influência de novas ideias iluministas, principalmente na educação, a fim de se libertar do “monopólio jesuítico” que se mantinha na colônia portuguesa, acreditavam que essa educação vigente era muita voltada à filosofia de Aristóteles e contra os métodos modernos de fazer ciência. Essas mudanças tinham, sobretudo, o intuito de se oporem às ideias religiosas, baseando-se nas laicas, de inspirações iluministas, substituindo-as pelos ideais do Estado (SAVIANI, 2008). A partir desse momento, a Pedagogia Tradicional passou a perder espaço no Brasil.

(Sberga, 2014, *apud* Borges *et al*, 2021), ressalta que o movimento da Escola Nova, no início do século XX, trouxe uma percepção distinta do que até então se acreditava sobre educação. Propunha caminhos novos a fim de superar uma pedagogia da essência por uma pedagogia da existência, que se contrapõe com a pedagogia tradicional.

A pedagogia da essência, ou pedagogia tradicional, tem o objetivo de expor o homem a valores e dogmas tradicionais e eternos – visando a eternidade do ser – a fim de educá-lo para a realização da sua essência verdadeira (ARANHA, 1996, p. 167 *apud* BORGES *et al*, 2021). Tal pedagogia foca em questões intelectualistas e de longo prazo. A pedagogia da existência, se posiciona em favor da vida imediata da criança, oferece os recursos de realização do sujeito ao contemplar o terreno e as condições em que vai operar a inteligência para o progresso humano e social (LIMA, 2019 *apud* BORGES *et al* 2021).

Essa compreensão é reforçada por Santos et al. (2022), ao destacarem que o processo educativo não constitui uma responsabilidade exclusiva da escola, uma vez que a família também participa da formação ética, moral, afetiva e social do estudante. A aproximação contínua entre os responsáveis e a instituição escolar favorece a comunicação, o acompanhamento das atividades, a criação de rotinas de estudo e a divisão das responsabilidades educativas. Dessa maneira, a parceria entre família e escola contribui para que o educando se sinta mais seguro, motivado e disposto a aprender, além de favorecer o desenvolvimento de sua autonomia, de suas competências e de suas habilidades sociais.

No contexto acima percebe-se que a pedagogia da essência ou tradicional tem papel de formar o homem para a eternidade, com priorização ao seu intelectual à sua disciplina e a sua tradição. Já a pedagogia da existência forma o homem para a vida com valorização do presente com sua experiência e sua construção do sentido pessoal e social. (GRIFO PRÓPRIO).

Em síntese, segue explicação conforme o quadro abaixo:

Aspecto	Pedagogia da Essência	Pedagogia da Existência
Base filosófica	Tradicional, idealista;	Existencialista, humanista;
Foco	Essência, eternidade, valores fixos;	Existência, experiência, vida concreta;
Papel do aluno	Receptor do saber;	Sujeito ativo, que constrói o saber;
Objetivo	Realizar a essência do ser humano.	Realizar o sujeito em sua existência.

Fonte: (o autor).

3. Conhecimento e concepção humana da pedagogia tradicional

Tomás de Aquino inaugurou aquilo que posteriormente veio a ficar conhecido como “Pedagogia Escolásticas”, termo esse que vem do latim “*scolasticus*”, e pode ser entendido como aquilo que é próprio da escola, esse movimento marcou profundamente a Idade Média, e trazia consigo o ideal de conciliar a razão, sobretudo a racionalidade grega apontada por Platão e Aristóteles e a Fé, a partir da revelação cristã. A tradição escolástica foi retomada com novo vigor pela Pedagogia Jesuítica a partir dos colégios jesuítas que se espalharam por diferentes partes do mundo (LIBÂNEO, 1990 *apud* BORGES *et al*, 2021).

Ao analisar a citação acima, se pode concluir que essa pedagogia tinha como objetivo a conciliação da fé com a razão, isto é, tentar mostrar que a fé cristã e o pensamento racional inspirado em filósofos como Platão e Aristóteles podiam ter coexistência e sustentação entre si. A Pedagogia Escolástica, iniciada por Tomás de Aquino, foi um movimento educacional e filosófico que buscava unir fé e razão. Ela influenciou fortemente o ensino durante a Idade Média e foi revivida com força pela educação jesuíta, que espalhou esses ideais pelo mundo.

Assim, o autor foca sua antropologia na essência do homem, e afirma que esse é formado de corpo e alma, de forma que a alma não é submissa ao corpo, e ambos vivem em uma unidade profunda, mesmo a mesma tendo prioridade, pois é imortal (MONDIN, 1980). Segundo o filósofo, a alma é simples, é composta de ato, potência e substância intelectual, que recebem o conhecimento, por meio dos sentidos (OERTZEN, 2015).

4. O papel do professor na pedagogia tradicional

Para o desenvolver dessa pedagogia, conhecer a concepção de homem, é o ponto de partida para compreender o papel do educador em sala de aula, onde ocorre a atualização das potencialidades da criança, processo que ocorre com o auxílio do mestre” (ARANHA, 2012). Assim, a educação da Pedagogia Tradicional visa “reconduzir o homem à sua essência mais profunda, fazendo-se compreender como homem” (GUIDINI, 2009, p. 8).

Nesse sentido, (STEIN, 1926-1938/1999b, p. 39-40 *apud* SBERGA, 2014, p. 185, *apud* BORGES, et al 2021). Afirma:

Esse trabalho de educar é demasiadamente cuidadoso, e, para isso, Edith Stein diz que o verdadeiro trabalho educativo só pode ser realizado por aqueles que possuem uma formação completa na respectiva área, e, que só uma pessoa verdadeiramente formada pode formar (STEIN, 1959/1999a, p. 127 *apud* SBERGA, 2014, p. 215). Assim, enfatizando a necessidade de uma sólida formação, como contribuição para o papel do docente. O educador, também, conduz o educando de três formas: pela palavra que ensina, pela ação pedagógica e pelo exemplo próprio (STEIN, p. 13, 2020). Desta forma, a Pedagogia Tradicional vai muito além da transmissão de conteúdo, e Stein confirma isso questionando: “Que significa de fato ensinar, se não se fazer mediador do conhecimento?” Porém, somente a formação não é suficiente para educar, pois, para que o trabalho do professor seja significativo, Garcia (1988) comenta o trabalho de Stein dizendo que, necessita conhecer profundamente seu educando, pois, se ele não se empenha em conhecê-lo, pode saber muitas técnicas, ter conteúdos exemplares, mas não atingirá seu objetivo educacional, de reconhecer o ser humano para o centro de sua formação (GARCIA, 1988, p. 88).

Edith Stein compreende a educação como um processo cuidadoso e profundamente humano, que exige do educador uma formação sólida e integral. Segundo a autora, o verdadeiro trabalho educativo só pode ser realizado por aqueles que possuem uma formação completa em sua área, pois “somente uma pessoa verdadeiramente formada pode formar”. Nessa perspectiva, o educador conduz o educando por meio da palavra que ensina da ação pedagógica e do próprio exemplo, evidenciando que a prática docente vai muito além da simples transmissão de conteúdo. Ensinar, portanto, é fazer-se mediador do conhecimento, promovendo a formação integral do ser humano. No entanto, conforme ressalta Garcia (1988), a formação teórica e técnica, embora indispensável, não é suficiente para uma educação verdadeiramente significativa. O educador deve conhecer profundamente seu educando, compreendendo suas particularidades, potencialidades e limites, pois, sem esse envolvimento humano, o processo educativo perde seu sentido essencial de reconhecer o ser humano como o centro da formação.

Nesse cenário, na contrapartida entre o trabalho com a afetividade trata-se de possibilitar experiências que estimulem uma sensibilidade afinada em vista do que é o melhor, o mais adequado e o mais direcionado ao bem, ao belo e ao bom, com o intuito de contrapor tudo que é vulgar e de baixo nível.

Para isso, é necessário ensinar e orientar, tornando o ensino eficaz por meio do exemplo que os educadores passam aos seus alunos. A gentileza desperta a gentileza, a delicadeza estimula a delicadeza, o entusiasmo provoca o gosto pela vida. Considerando a afetividade e a sensibilidade no ato de educar para tocar no íntimo do ser humano, o ambiente se torna um importante material na formação dos alunos, por isso, deve estar permeado de calor humano e familiaridade. As experiências significativas, alegres, de convivências saudáveis e fraternas, onde os adolescentes e jovens se sintam incorporados a um ambiente acolhedor, com normas e regras, tornam-se elementos modeladores e contribuem para que o professor atinja a afetividade e sensibilidade do educando. A empatia na ação educativa contribui para a sustentação e fundamentação da experiência humana. O educador passa a ver o educando como um “outro eu”, que tem uma individualidade própria, que precisa ser respeitado e valorizado durante o processo educativo. Ao conceber o educando como sujeito, os objetivos e método educativo são ministrados de acordo com a subjetividade do educando, sem realizar pré-julgamentos, mas sim possibilitando trocas de experiências para efetivação do conhecimento (SBERGA, 2014 apud BORGES *et al*, 2021).

Como analisada, a citação acima, traz com clareza importância da afetividade, empatia e sensibilidade dentro do processo educativo. Ensinar com exemplo, gentileza e entusiasmo torna o aprendizado mais eficaz e com ação humanizada. O ambiente escolar deve ser acolhedor, com relações saudáveis e fraternas, pois isso favorece e cada vez mais acelera o desenvolvimento emocional e social dos alunos. O educador, ao reconhecer o aluno como um sujeito único e respeitável, adapta suas práticas pedagógicas à individualidade de cada um, promovendo trocas de experiências significativas e uma educação baseada no respeito e na empatia.

Em continuidade aos aprendizados relativos à forma educacional tradicionalista, faz-se necessário entender como foram desenvolvidas, ao longo da história, as principais teorias de aprendizagem:

Behaviorismo: Criada por Watson, em 1924, em oposição ao mentalismo e ao introspeccionismo. O Behaviorismo define o desenvolvimento em termos de mudança de comportamento causado por influências ambientais (BOYD; BEE, 2011). O Behaviorismo se divide em Behaviorismo Metodológico e Behaviorismo Radical, sendo o primeiro uma vertente que leva em consideração apenas os acontecimentos externos antecedentes dos comportamentos, e o segundo, o behaviorismo radical, considerando acontecimentos ocorridos também no “mundo privado dentro da pele” (SKINNER, 1974, p. 18-19 apud BORGES, *et al*, 2021).

Cognitivismo: No cognitivismo, Matos (1995) afirma que ele recupera o conceito de consciência quando afirma estados disposicionais e/ou motivacionais que poderiam ser modificados de fora (via “instruções” ou “informações”) ou de dentro (via decisões, organizações ou até mesmo via “autocontrole”), como produto de reestruturações cognitivas alcançadas por trocas verbais. Enfatiza aspectos mentais do desenvolvimento, tais como

memória e lógica (BOYD; BEE, 2011), pois o ser humano é dotado de consciência – ideia que pode se opor ao pensamento da teoria Behaviorista (CASTAÑON, 2007 *apud* BORGES *et al* 2021).

Humanista: Ao invés de construtivismo, a abordagem humanística considera o aluno como pessoa essencialmente livre para fazer escolhas em cada situação. Segundo essa abordagem, o mais importante é a auto realização da pessoa, e o ensino deve facilitar a auto realização, o crescimento pessoal (MOREIRA, 1999 *apud* BORGES *et al*, 2021).

Construtivismo: O homem interage com o meio, responde, analisa e organiza seu saber, a partir de estímulos externos, e com isso, constrói seu próprio conhecimento. O ser humano, segundo essa perspectiva, tem um desenvolvimento dinâmico, interagindo com o meio e o objeto, e que ele é influenciado e influencia o meio que o cerca, e com esse propósito, constrói um conhecimento individual e coletivo (CORRÊA, 2016 APUD BORGES ET AL, 2021).

Assim, o behaviorismo, criado por Watson, explica o desenvolvimento como resultado das influências do ambiente, focando no comportamento observável. O cognitivismo destaca os processos mentais, como memória e raciocínio, e entende que o ser humano aprende ao organizar e transformar informações. O humanismo valoriza a liberdade, a autorrealização e o crescimento pessoal, considerando o aluno como centro do processo de aprendizagem. O construtivismo afirma que o conhecimento é construído ativamente pelo indivíduo em interação com o meio, integrando experiências pessoais e sociais.

Existem convergências entre o entendimento do papel do professor na Pedagogia Tradicional e as propostas pedagógicas da atualidade. Tais convergências se dão por meio da compreensão que o docente é um mediador de conhecimento, ou seja, conduz o educando, por meio da sua ação pedagógica, à uma formação. Dessa forma, a concepção de que o professor é “transmissor de conteúdos” não condiz com a vertente da Pedagogia Tradicional, pois ele é um mestre que busca guiar o estudante a fim de encontrar as suas potencialidades (SBERGA, 2014 *apud* BORGES *et al*, 2021).

(Sberga, 2014 *apud* Borges *et al*, 2021). Sustenta Sobre a afetividade e empatia, a Pedagogia da Essência – Pedagogia Tradicional – busca compreender o processo de educação como meio para atingir a essência do estudante, na sua individualidade, de forma integral. Para isso, é necessário a figura experiente do educador, que ensina pelo próprio exemplo, despertando atitudes de valores. Além disso, o professor deve conhecer seus alunos, promovendo experiências e convivências, tornando assim uma busca em conjunto pelo conhecimento (SBERGA, 2014 *apud* BORGES *et al*, 2021).

5. Papéis educativos na pedagogia ativa

As inúmeras transformações científicas, tecnológicas e sociais que têm marcado o século XXI têm exercido uma forte pressão para a mudança dos sistemas educativos, tanto no que diz respeito às suas metodologias e seus currículos, como no que se associa ao ambiente educativo (Campbell, 2020, *apud* Assemany; Gonçalves, 2021) e dinâmicas pedagógico-didáticas. Múltiplas são, pois, as investigações que alertam para a necessidade de se repensar e, conseqüentemente, de se estudar de modo rigoroso, várias dimensões, em particular a pedagogia de aprendizagem ativa, caracterizada pela centralidade do estudante (Barron & Darling-Hammond, 2008; Pellegrino, 2020 *apud* Assemany; Gonçalves, 2021).

(Hernando Calvo, 2016 *apud* Assemany; Gonçalves, 2021), assegura que a pedagogia de aprendizagem ativa envolve formas de conhecimento, assim como de realização, muito apoiadas por estratégias e abordagens abertas, flexíveis e enriquecidas. Enquanto ciência, a pedagogia explora os processos através dos quais a sociedade consegue transmitir deliberadamente o seu conhecimento acumulado, competências e valores de geração em geração. Mais do que isso, o objetivo da educação é criar alunos autônomos, propiciando as suas competências de pensamento e de resolução de problemas, para serem usadas num leque de diferentes situações. As práticas de ensino hodiernas mostram que muitos professores querem mudar para um paradigma diferente, com maior diversidade pedagógica, o que facilita uma aprendizagem personalizada centrada no aluno e ativa, ao mesmo tempo que visa a construção de competências essenciais para responder positivamente às exigências futuras.

Nessa linha de raciocínio, de acordo com Cherney (2015) *apud* Assemany; Gonçalves, 2021:

A aprendizagem ativa deriva do pressuposto de que a aprendizagem é um esforço ativo, em que os estudantes participam ativamente na aprendizagem descobrindo, processando e aplicando a informação. Os estudantes envolvem-se, deste modo, em tarefas que exigem um pensamento mais complexo como análise, síntese e avaliação. Ora, neste contexto, é de relevar percepções de estudantes de formação de professores sobre diferentes dimensões que estimulam a aprendizagem ativa em prática, tendo em conta implicações práticas que estão associadas a um processo de ensino que estimula as metodologias ativas, a saber: I. As aprendizagens essenciais de cada área do saber, e a gestão do currículo, devem estar associadas a situações e problemas presentes no quotidiano da vida dos estudantes ou presentes no meio sociocultural e geográfico em que se insere o centro educativo, recorrendo a materiais e recursos diversificados (resposta positiva aos problemas encontrados). II. Propostas de ensino que implicam experimentação de técnicas, instrumentos e formas de trabalho diversificados, promovendo intencionalmente, na sala de aula ou fora dela, atividades de observação, questionamento da realidade e integração de saberes. III. Organização e desenvolvimento de atividades cooperativas de aprendizagem (Carbonell, 2002), orientadas para a integração e troca de saberes, a tomada de consciência de si, dos outros e do meio e a realização de projetos interdisciplinares. IV. Organização de desafios pedagógicos que impliquem a utilização crítica de fontes de informação diversas, diferentes recursos e das tecnologias da informação e comunicação. V. Promoção, de modo

sistemático e intencional, na sala de aula e fora dela, atividades que permitam ao aluno fazer escolhas, confrontar pontos de vista, resolver problemas e tomar decisões com base em valores (Cardoso, 2019). VI. Valorização na avaliação das aprendizagens dos estudantes, o trabalho de livre iniciativa, incentivando a intervenção positiva no centro educativo e na comunidade, bem como processos de autorregulação das aprendizagens (Gonçalves, 2017).

Conforme acima descrito, pode perceber que a aprendizagem ativa é uma forma de aprender em que os alunos participam ativamente — não ficam apenas a ouvir o professor, mas descobrem, pensam, experimentam e aplicam o que aprendem. O objetivo é que desenvolvam capacidades de analisar, criar e avaliar ideias. Assim, aprendizagem ativa coloca o aluno no centro do processo, tornando-o responsável por aprender de forma participativa, crítica e criativa, com ligação à realidade e em cooperação com os outros.

Mediante o quadro a seguir, análise metodológica da pedagogia ativa e suas formas categóricas que influem no trabalho/aprendizagem na relação professores e alunos:

Categorias	Descrição	Registro
I. Conjunto de metodologias de ensino que promovem autonomia aos estudantes.	Conceitos básicos da pedagogia ativa e exemplos de metodologias ativas.	Sala de aula invertida, trabalho com projetos, aprendizagem baseada em problemas, mantle of the expert, gamificação, ensino híbrido.
II. Conjunto de possibilidades metodológicas (aspectos da pedagogia ativa) que o professor utiliza na sua leção.	Estratégias/ferramentas utilizadas pela pedagogia ativa, e a prática do uso das metodologias ativas.	Trabalho grupal, tecnologias, contextualização do que se vive para o que se aprende: escrita livre, portfólio, processo de avaliação reformulado, mapas mentais.

Fonte: (Assemany; Gonçalves, 2021).

6. Relação entre o “Tradicional” e o “Moderno”, aproximação e ruptura nas ações pedagógicas

A tradição poderia ser inventada pelos movimentos renovadores da década de 1930, que, diferentemente da relação de constantes inovações do novo sobre o velho, isto é, num processo de continuidade, de progresso, passa a caracterizar-se como uma ruptura, uma separação estanque entre o passado, o tradicional diante do presente, e o moderno. De outra maneira, também é possível observar que as ideias modernas, por um lado, procuram manter-se distante do antigo e, por outro, se chocam entre o novo e mais novo, o novo e o revolucionário.

Com ênfase nessa seara, BALDAN. Merilin, 2021, p.189 reforça:

Mais do que curiosas, entretanto, são as implicações que estas relações assumem na sociedade contemporânea. Se as Sociedades Antigas privilegiavam o “velho” sobre o “novo”, mostrando a permanência das tradições renovadas paulatinamente, as Sociedades Modernas rompem com o paradigma “tradicional” por considerá-lo como arcaico, desprovido de valor para as necessidades que se impunham para a sociedade e, assim, o “moderno” é apresentado como um momento de renovação, de ruptura e de progresso, de modo que o “novo” passa a ser a bandeira; por sua vez, as Sociedades Pós-Modernas/Contemporâneas revelam o duplo movimento: a continuidade da ideia de ruptura com o tradicional e a ruptura dentro do “moderno”, ou seja, entre o “novo” e o “mais novo” ou “revolucionário”. Se as Sociedades Antigas viam no “passado” um valor inestimável, o qual deveria permanecer, as Sociedades Modernas rompem com o “passado”, com a “história”, para vivificar o “novo”, que trará o “futuro”; as Sociedades Pós Modernas/Contemporâneas realizam o movimento de negação do passado e do futuro, centralizando o “presente” como o momento de realização, ou seja, veem o “futuro” como um movimento improvável e impalpável, portanto, desnecessário de se pensar, velando-se do “aqui e agora”. Dentro desta perspectiva, podemos ainda estabelecer a consubstanciação entre o “novo” e o “mais novo” nas ideias hegemônicas que lutam contra o “tradicional” e o “revolucionário”, com o passado e o futuro. Ao demarcarmos este cenário nas ideias pedagógicas contra-hegemônicas ou, de outro modo, “revolucionárias”, observaremos, com a devida importância do processo histórico no desenvolvimento humano e social, um movimento não de ruptura, mas de distanciamento do “passado” e uma orientação para o “futuro”, tornada necessária a mediação no “presente”, seja nos momentos de contradição seja nos momentos de consolidação das perspectivas socialistas comunistas. O processo de não ruptura se deve ao fato da compreensão histórica do processo de desenvolvimento/progresso dar-se por saltos quantitativos e qualificativos. Mas, ao estendermos esse processo às ideias pedagógicas, observamos que não se trata de um distanciamento, uma vez que a permanência da ideia de transmissão do conhecimento acumulado historicamente é visualizada pela ruptura entre uma concepção acrítica e ahistórica do movimento dinâmico do processo histórico na própria construção dos conhecimentos como também pela ruptura da suposta neutralidade entre a educação e a sociedade, marcando os vínculos íntimos e necessários entre educação e sociedade.

(Facci, 1998, p.233 apud Baldan, 2021). Tais pressupostos corroboram as análises encontradas na revisão bibliográfica empreendida a esse respeito, como o exemplo de, ao observar as relações entre o “tradicional”, o “moderno” e o “revolucionário” da seguinte maneira: “Recorre-se ao arcaico, mas este já não satisfaz; por outro lado, o novo é muito novo para ser apreendido e aplicado na prática. O trabalho, então, vai acontecendo cheio de retrocessos e avanços”.

7. A relação entra família e escola entre os papéis educativos na pedagogia tradicional e na pedagogia

A família desempenha papel importante no desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes. Pesquisas realizadas indicam que algumas dificuldades que estudantes enfrentam, como atraso na aprendizagem de alguns conteúdos, podem ter ligação com as relações

parentais e a escola. Muitos acreditam que os pais ou responsáveis não tem responsabilidade ou condições de auxiliar os filhos, ou que a intervenção deles não auxilia na aprendizagem, o que não é verdade. Além disso, é importante pensar que alguns problemas, como chegar atrasado na escola, excesso de faltas etc., nem sempre são contratempos somente da criança, mas podem também estar relacionadas a família, que acaba por interferir na aprendizagem do aluno. (ALIAS, Gabriela, 2016, p.11).

(ALIAS, Gabriela, 2016) ressalta que a família nuclear, “tradicional”, composta por pai, mãe e filhos ainda é um modelo bastante encontrado. De acordo com Martins e Szymanski (2004), esse modelo, em grande parte das sociedades industrializadas, caracteriza-se pela atribuição de papéis a cada um dos membros: aos homens cabe prover o sustento; as mulheres se incumbem dos afazeres domésticos e da educação dos filhos; e os filhos devem obedecer aos pais. Assim, outros costumes se deram em decorrência desse modelo de família:

- mudanças no hábito alimentar;
- inserção da mulher no mercado de trabalho;
- ida das crianças para a escola, creches ou outros tipos de instituições mais precocemente.

Atualmente, as relações são diferentes de como eram há algum tempo, o que implica configurações de família que não são características do perfil tradicional, ou seja, composta por pai, mãe e filhos. Ainda, tais relações variam de família para família e envolvem outras diferenças, tais como estrutura, variação de localidade, região, classe econômica, entre outros fatores.

A relação escola-família tem sido bastante discutida no cenário brasileiro, tanto no sistema escolar, em si, quanto no meio acadêmico. Tais estudos se fazem necessários, pois, conforme pontuam Montandon e Perrenoud (1987), a escola está presente na vida cotidiana de cada família, seja de forma mais presente ou mais tímida. Assim, tendo em vista que as famílias diferem, como já pontuado, tais relações também são diferentes, sendo influenciadas por fatores como classe social, número de filhos, ocupação dos pais, estrutura, entre outros. (ALIAS, 2016).

Ainda sobre a relação família e escola, ALIAS, Gabriela (2016, p.15) afirma que:

Nos dias de hoje, tem-se constatado a necessidade de estabelecer um diálogo entre a família e a escola, já que elas podem trabalhar juntas para que a aprendizagem dos alunos, portadores ou não de deficiência, se desenvolva, sendo público-alvo da educação especial ou não. A configuração, a estrutura e a relação da escola com a família mudaram com o tempo; hoje, a escola acaba se responsabilizando pela formação do estudante em sua totalidade, pois alguns valores que poderiam ser trabalhados pela família são transferidos para o âmbito escolar. Faz-se necessário um trabalho de colaboração e cooperação entre a escola e a família, a fim de se atingir o objetivo maior, que é promover o desenvolvimento do estudante. Embora existam diferenças entre os objetivos de cada uma dessas instituições, as duas devem trabalhar de forma complementar, visto que ambas influenciam a vida e o desenvolvimento das crianças.

A família é o primeiro alicerce que a criança encontra e espelha, o seu desenvolvimento é gerado por este acompanhamento, a observação que a criança fará, poderá ocorrer algum desequilíbrio familiar, no entanto o papel da família é a proteção, educação, direito de se expandir o conhecimento, o aprendizado, para que se torne uma pessoa inteligente (LOPES et al, 2016).

Na educação, a família tem uma responsabilidade e dever com cada indivíduo, ou seja, o filho (a), começando pela matrícula do aluno em uma instituição de ensino. Mas antes mesmo de se matricular a família tem um papel importante perante a sociedade que é preparar o indivíduo para a sociedade, tornando-se um alicerce e contribuindo para o trabalho que é realizado nas escolas (SANTOS, 2015 *apud* BRITO. Mayla et al 2020).

O acompanhamento dos pais na vida escolar da criança é essencial, permitindo que tenham um preparo e desempenho na aprendizagem, até mesmo se sentindo protegida e amparada. Com a atuação e ajuda dos pais no ensino percebe-se que há resultado positivo no processo educativo, por outro lado existe algumas famílias que dizem não ter tempo para este acompanhamento (PICANÇO, 2012 *apud* BRITO. Mayla et al 2020).

Dessa forma, percebe-se que a principal diferença na relação entre família e escola, segundo as pedagogias, está no grau de colaboração e na autonomia dos papéis. Na pedagogia tradicional, a relação é mais hierárquica, com a escola assumindo a responsabilidade pela disciplina e a família sendo vista como um suporte secundário, focado no cumprimento de regras e lições de casa. Na pedagogia ativa, a relação é vista como uma parceria mais colaborativa e horizontal, onde a família contribui com seus valores e saberes, e a escola valoriza a perspectiva dos pais, promovendo uma educação integral e compartilhada.

Contudo, a participação da família com mais frequência na escola é possível que gere mais habilidades e competências para as crianças se desenvolverem. Portanto manter uma relação harmoniosa é essencial para que a família e escola caminhem e apoiem uma à outra de forma que a criança seja o objetivo maior.

8. Considerações finais

A análise comparativa entre a Pedagogia Tradicional e a Pedagogia Ativa evidencia que, embora fundamentadas em concepções distintas de ser humano, conhecimento e ensino, ambas reconhecem a importância do papel do educador e da família no processo formativo. Na Pedagogia Tradicional, a escola assume um papel central como transmissora de saberes e guardiã da disciplina e dos valores, enquanto a família atua como suporte moral e social, garantindo condições para que o estudante cumpra as exigências escolares. Já na Pedagogia

Ativa, a relação torna-se mais horizontal e colaborativa, compreendendo a família como parceira ativa na construção da aprendizagem e valorizando os saberes e as experiências que ela oferece ao estudante.

As transformações contemporâneas impõem a necessidade de romper modelos rígidos e aproximar cada vez mais escola e família, reconhecendo que ambos são agentes fundamentais no desenvolvimento integral da criança. A aprendizagem ativa, ao promover autonomia, protagonismo e experiências significativas, exige uma maior participação familiar, enquanto a pedagogia tradicional continua contribuindo com princípios estruturantes como disciplina, ética e responsabilidade.

Assim, conclui-se que a relação entre família e escola não deve ser compreendida como uma oposição entre o “tradicional” e o “moderno”, mas como uma complementaridade necessária. A educação contemporânea demanda integração entre valores permanentes e metodologias inovadoras, entre formação humana e desenvolvimento de competências, entre passado, presente e futuro. Uma relação harmoniosa, dialógica e corresponsável entre família e escola revela-se, portanto, essencial para garantir uma educação mais completa, significativa e capaz de responder às exigências de uma sociedade em constante transformação.

Referências

- ALIAS, Gabriela. **Desenvolvimento da aprendizagem na educação especial: a relação escola, família e aluno**. Porto Alegre: +A Educação - Cengage Learning Brasil, 2016. E-book. p.15. ISBN 9788522123681.
- Assemanya, Daniella, Gonçalves, Daniela, **Pedagogia de Aprendizagem Ativa: referenciais resultantes da formação de professores**, INNODOCT 2021.
- Baldan, Merilin. **A representação do ato de ensinar: continuidades e rupturas da concepção de ensino na pedagogia tradicional, na psicologia historicocultural e na pedagogia histórico-crítica – uma análise a partir das teses e dissertações no Portal da Capes / Merilin Baldan – 2011248 f.; 30 cm**.
- BRITO.Mayla, BRITO.Suelen; AZEVEDO. Gilson Xavier de. **A importância da participação da família no processo de ensino- aprendizagem da criança**, GO. 2020.
- BORGES.Éder; SILVA. Flávia; HUMMELGEN.Larissa; ANDRADE. Patricia, **pedagogia tradicional: o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem**, 2021.
- PICANÇO, Ana Luísa Bibe. **A relação entre escola e família: as suas implicações no processo de ensino aprendizagem**. Escola Superior De Educação João De Deus Mestrado Em Ciências Da Educação –Supervisão Pedagógica. Lisboa, 2012.
- SANTOS, Antonio Fernando et al. Influência Social: A participação da família na aprendizagem dos filhos. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 3, p. 132-152, 2022.
- SANTOS, Kerolayne Andrade. **A importância da participação da família na escola**. Brasília – DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2015.